

## **O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria<sup>1</sup>**

*João Carlos de SENNA-MARTINEZ<sup>1</sup>*

Como resultado de trabalhos de campo efectuados sob nossa direcção - nomeadamente as escavações do Cabeço do Crasto de S.Romão (CSR, cf: GUERRA, FABIÃO & SENNA-MARTINEZ, 1987. e 1989.; SENNA-MARTINEZ, 1986. e 1989: 189-205; SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIÃO, 1986.), Buraco da Moura de S.Romão (BMSR, cf: SENNA-MARTINEZ, 1989: 156-76; SENNA-MARTINEZ, VALERA & ESTEVINHA, no prelo.; SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol. a. e VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989.) e Castro de S.Cosme (CSC, cf: SENNA-MARTINEZ, 1989: 205-10; SENNA-MARTINEZ & COELHO, no prelo.), além de diversos reconhecimentos em outros locais - foi-nos necessário encarar o estudo de importantes conjuntos de olaria do Bronze Final. Em particular, o primeiro daqueles sítios arqueológicos forneceu já alguns milhares de fragmentos significativos, correspondendo a bastante mais que um milhar de recipientes..

A inexistência de uma tipologia para a olaria do Bronze Final da Beira Alta conduziu a que, na nossa dissertação de doutoramento (SENNA-MARTINEZ, 1989.), avançássemos com uma primeira proposta na qual, por razões de disponibilidade de tempo para o tratamento de tal volume de materiais (ainda em curso para um número significativo de amostras), utilizámos apenas os conjuntos contextualmente mais significativos, completando-os com referências pontuais a exemplares de outras proveniências, quando tal se mostrou desejável.

A revisão e confrontação dos dados então disponíveis com os resultantes de outras amostras, entretanto trabalhadas no âmbito da equipa que orientamos, mostrou a validade da proposta produzida e aconselha a sua rápida divulgação, para que, defrontando resultados de outros investigadores, possa eventualmente vir a acolher aportações e correcções que a tornem um instrumento de trabalho cada vez mais adequado e eficaz.

---

<sup>\*\*</sup> Comunicação apresentada às *Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Director do *Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM)*. *Instituto Alexandre Herculano de História Regional e do Municipalismo e Instituto de Arqueologia*, Faculdade de Letras de Lisboa, 1699 LISBOA CODEX, PORTUGAL.

## 1. As amostras e o seu enquadramento contextual

As amostras de CSR cuja análise mais pormenorizada utilizámos correspondem aos dois "espaços de habitat" principais aí escavados - a "cabana" rectangular do Sector A (CSR-A [12, 47]) e a "área de actividade" do Sector C.III (CSR-C.III [103, 105]) - bem como ao interior da lareira complexa escavada no primeiro prolongamento oeste do Sector A (CSR-A.W2 [57/58]) e enchimento inferior da "fossa-lareira" do Sector C.III (CSR-C.III [110]). Considerámos, igualmente, o conjunto do "horizonte superior" da "Sala 20" de BMSR (BMSR-20 [1,5]) e restantes materiais atribuíveis ao Bronze Final dos níveis superiores das "Salas 1 e 2" deste sítio arqueológico (veja-se a caracterização de todos estes contextos em: SENNA-MARTINEZ, 1989: 156-76 e 189-205; GUERRA, FABIÃO & SENNA-MARTINEZ, 1989: 190-3 e 195-7; VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989. - além do estudo de pormenor dos contextos e materiais de BMSR em SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.a.).

As amostras provenientes das recolhas efectuadas nos sítios do Outeiro dos Castelos (SENNA-MARTINEZ & NUNES, neste vol.), Pedra Cavaleira (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.b.) e Malcata (SENNA-MARTINEZ, ROCHA & RAMOS, neste vol.) permitem confrontar a validade de modelos interpretativos anteriormente produzidos (SENNA-MARTINEZ, 1989: 445-85) face a conjuntos de materiais do mesmo horizonte cultural recolhidos em contextos secundários distantes de CSR e BMSR cerca de duas dezenas e meia de quilómetros.

O **Quadro I** resume, para cada amostra de cada contexto atrás considerado, o número mínimo de recipientes individualizáveis<sup>2</sup> (Nm), o número daqueles para que é possível determinar pelo menos o diâmetro interno da boca (Ndb), o número daqueles passíveis de classificação tipológica (NF) e o número de recipientes que permitem reconstituição integral (Ri), pelo menos no plano gráfico.

**QUADRO - I**

Contexto	Nm	Ndb	NF	Ri
CSR-A [12+47]	145	137 (94.5%)	19 (13.1%)	5 (3.5%)
CSR-A.W2 [57/58]	26	15 (57.7%)	3 (11.5%)	1 (3.9%)
CSR-C.III [103+105]	119	111 (93.3%)	33 (27.7%)	7 (5.9%)
CSR-C.III [110]	9	8 (88.9%)	4 (44.4%)	2 (22.2%)
BMSR-20 [1+5]	19	19 (100%)	13 (68.4%)	10 (52.6%)
BMSR-1 e 2	18	18 (100%)	6 (33.3%)	5 (27.7%)
BMSR (Total)	37	37 (100%)	19 (51.4%)	15 (40.5%)
Outeiro dos Castelos	29	18 (65.5%)	10 (34.5%)	2 (6.9%)
Pedra Cavaleira	53	40 (75.5%)	6 (11.3%)	2 (3.8%)
Malcata	21	17 (81%)	8 (38.1%)	5 (23.8%)
<b>AMOSTRA TOTAL</b>	<b>439</b>	<b>383 (87.2%)</b>	<b>102 (23.2%)</b>	<b>39 (8.9%)</b>

<sup>2</sup> Calculado, após determinadas as associações de fragmentos e feitas as colagens possíveis, a partir dos conjuntos com bordo presentes e/ou, em complemento, pelos exemplares de forma determinável mesmo quando sem bordo.

Uma primeira constatação permitida pela análise destes números é a baixa taxa global de recuperação de formas classificáveis (23.2%) e a sua grande variação em função dos contextos estudados. Entre os conjuntos provenientes de escavação são significativas as diferenças entre um "solo de habitat" (CSR-A [12, 47]), um "piso de habitat" (CSR-C.III [103, 105]) e os "depósitos de materiais" de CSR-C.III [110] e BMSR-20 [1, 5], com destaque para este último. Sobre o eventual significado destas diferenças escrevemos já:

"...Dos conjuntos analisados, parece bastante provável o cariz "doméstico" dos recolhidos em CSR-A [12,47] e em CSR-C.III [103,105]. Isto, não só pelos dados contextuais, como pela análise interna dos respectivos conjuntos cerâmicos. Se, para o primeiro é possível propor a hipótese de um contexto habitacional, mormente pelas estruturas recuperadas em escavação, o carácter de "área de actividades" não coberta do segundo torna ainda mais interessantes as semelhanças detectadas em relação ao primeiro (uma quase identidade diríamos). Tanto mais quanto se trata de um conjunto contextual e de materiais directamente datado pelos resultados da análise ICEN-198 (2970 ± 35 BP).

Pensamos que os materiais assim enquadrados permitem definir dois "conjuntos funcionais" de cariz doméstico e, o primeiro, provavelmente habitacional que, de futuro, poderão ser comparados com outros equivalentes que venham a ser descobertos e/ou publicados..." (SENNA-MARTINEZ, 1989: 461).

É nestes termos que se nos afigura particularmente importante o facto de dois dos conjuntos provenientes de recolhas de superfície, os da Pedra Cavaleira e da Malcata, apresentarem inequívocas semelhanças com os contextos domésticos de CSR, tanto mais quanto se trata de "recolhas integrais", provavelmente correspondentes a "espaços domésticos" restritos (cf. SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.b e SENNA-MARTINEZ, ROCHA & RAMOS, neste vol.). Quanto ao Outeiro dos Castelos, as condições em que foram efectuadas as recolhas, dificultando ou mesmo impossibilitando a sua caracterização contextual de origem, devem ser responsáveis pelas discrepâncias notadas ao mesmo tempo que tornam, por essas mesmas razões, particularmente interessantes as regularidades detectadas (SENNA-MARTINEZ & NUNES, neste vol.).

## **2. As formas da olaria do Grupo Baiões/Santa Luzia**

A partir dos 39 exemplares que permitem reconstituição integral foi possível, com o apoio pontual de outros provenientes de contextos seguros (respectivamente e para CSR: UE.38 do Sector A; UEs.12, 47 e 87 da sua extensão Oeste, e UEs.15 e 19 do Sector B), definir 19 Formas específicas deste "horizonte cultural" e verificar a permanência de 7 Formas já anteriormente definidas para conjuntos considerados cronoculturalmente anteriores (SENNA-MARTINEZ, 1989: 221- 443).

Por já terem sido extensivamente definidos os parâmetros de análise dos materiais cerâmicos estudados (SENNA-MARTINEZ, 1989: 222-8) limitamo-nos a indicá-los sumariamente no Apêndice-I.

Passemos à definição e análise das novas Formas e respectivos sub-tipos (Estampas I-III):

**Forma 31** - Definida a partir de exemplares provenientes de CSR-C.III [105], de CSR-A.W3 [47], de BMSR-1 [1] e do Outeiro dos Castelos, optámos por designá-los como *Pratos*, não obstante apresentem valores de  $20 < I_p \leq 35$ , por concluímos poderem desempenhar um papel funcionalmente idêntico ao da **Forma 1**, originária do "*fundo comum neo-calcolítico*" e da qual, relembramos, existem exemplares em CSR-C.III [103] e no Outeiro dos Castelos. São volumes abertos ( $I_{a1} = I_{a2} = 100$ ) de tipo T-HE, T-SS ou T-T, com carena média a baixa isto é:  $35 < I_{hc} \leq 55$ . Podem ocorrer em dois sub-tipos:

**31.1** - Com colo ligeiramente côncavo e base convexa.

**31.2** - Com o colo recto e com duas variantes: **31.21** de base convexa e

**31.22** de base plana.

O sub-tipo 31.1 pode ocorrer com pequenos mamilos sobre a carena e/ou apresentar decoração incisa pós-cozedura, enquanto o sub-tipo 31.22, no exemplar tipo CSR-A.W3 [47] 5841, apresenta ornatos brunidos.

**Forma 32** - Definida a partir de exemplares de CSR-A [47] e de CSR-A [38], designámo-los como *Taças de carena média e colo médio/alto*. Volumes T-C-HE, T-T-HE, T-C-T-HE ou T-HE, abertos ( $90 < I_{a1} \leq 100$ ) e de profundidade média ( $30 \leq I_p < 60$ ), com  $45 \leq I_{hc} \leq 55$ . Podem, tal como no caso anterior, ocorrer em dois sub-tipos:

**32.1** - Baixas ( $30 \leq I_p < 40$  e com colo exvertido e baixo ( $30 \leq I_h < 40$ ).

**32.2** - Colo sub-vertical (32.21) ou ligeiramente invertido (32.22), de tamanho médio ( $40 \leq I_h < 50$ ) e profundidade também média ( $40 \leq I_p < 60$ ) com as bases, quando reconstituíveis, em *omphalos*.

Um e outro dos sub-tipos anteriores podem ocorrer com pequenos mamilos sobre a carena e/ou apresentar decoração incisa pós-cozedura.

**Forma 33** - Definida a partir de exemplares de CSR-A [38] e de CSR-C.III [103], designámo-los como *Taças de carena alta/muito alta e colo baixo*. Correspondem a volumes T-T-T-HE, ligeiramente fechados ( $100 < I_{a1} \leq 90$ ), de profundidade média ( $35 < I_p \leq 45$ ), com  $70 \leq I_{hc} < 80$  e  $I_h \leq 26$ . Pode ocorrer em dois sub-tipos:

**33.1** - Colo marcadamente côncavo ( $I_{a2} \geq 100$ ) e lábio exvertido.

**33.2** - Colo fechado ( $I_{a2} \leq 95$ ), podendo apresentar mamilos duplos perfurados sobre a carena.

**Forma 34** - Definida a partir de 4 exemplares de BMSR-20 [1,5] e um de CSR-C.III [103], designámo-los como *Taças fundas de carena alta/muito alta*. Recipientes com volumes do tipo T-T-HE, T-T-T-HE ou T-C-T-HE, fundos ( $40 < I_p \leq 60$ ), com o colo estrangulado ( $I_{a1} < 100$ ) e  $60 < I_{hc} < 80$ . Para os exemplares com a base reconstituível, esta é plana. Ocorre em dois sub-tipos:

**34.1** - Fechados ( $I_{a2} < 100$ ), com ou sem asa de fita.

**34.2** - Abertos ( $I_{a2} > 100$ ), com ou sem asa de fita.

Um dos exemplares que possuímos de 34.1, de CSR-A [27], apresenta o bordo decorado com unguações.

**Forma 35** - Definida a partir de exemplares de BMSR-20 [5], BMSR-2 [3,6], CSR-C.III [103] e da Malcata, designámo-los *Potes de carena média/alta e colo estrangulado*. Volumes T-HE ou T-T-HE, Formas fundas ( $65 < I_p \leq 70$ ), com base convexa e  $50 \leq I_{hc} < 60$ . Os seus dois sub-tipos distinguem-se pela abertura do bocal:

35.1 - Abertos ( $I_{a1} = I_{a2} = 100$ ).

35.2 - Fechados ( $I_{a1} \leq 95$ ).

Pensamos que, não obstante a proximidade desta Forma em relação à Forma 24 definida para o Bronze Pleno da região (SENNA-MARTINEZ, neste vol.), o índice de profundidade ( $I_p$ ) mais baixo e a inexistência de asas nos exemplares aqui considerados, além de estes serem completamente distintos no que respicita a pastas e acabamento, justifica a criação da nova Forma. Contudo, não nos repugna pensar nestes recipientes como representando uma sobrevivência/evolução daquela Forma no Bronze Final, o que, aliás, pode ter acontecido com a Forma 31 em relação à Forma 21.

**Forma 36** - Definida a partir de exemplares de CSR-A [12], CSR-C.III [103], BMSR-20 [1] e BMSR-2 [4], que designámos como *Púcaros*. Formas de "perfil em S" ou de carena muito esbatida, com base plana (onde esta existe). Volumes T-T-T-HE ou T-T-T. Estão presentes em dois sub-tipos, o primeiro dos quais com duas variantes:

36.1 - Baixos ( $60 < I_p \leq 70$ ), fechados ( $I_{a1} < 85$ ;  $I_{a2} < 95$ ) e com o colo muito baixo a baixo ( $15 < I_h \leq 30$ ), podendo apresentar (36.11), ou não (36.12), asa de fita.

36.2 - Altos ( $70 < I_p < 85$ ), abertos ( $90 < I_{a1} \leq 95$ ;  $I_{a2} \geq 100$ ) e de colo baixo ( $25 < I_h \leq 35$ ), com asa de fita.

**Forma 37** - Definida a partir de exemplares de CSR-A.W2 [47], CSR-A.W3 [47] e CSR-C.III [110], presente no Outeiro dos Castelos e na Malcata. Designámo-los como *Urnas*, mantendo o termo utilizado por M.Martins para exemplares formalmente semelhantes da citânia de S.Julião (MARTINS. 1988: 140 e fig.10). Volumes T-T-T, T-T-T-T ou T-T-T-P(SS), de profundidade média a fundos ( $55 \leq I_p < 75$ ), fechados ( $I_{a1} < 95$ ) e de colo baixo ( $30 < I_h < 40$ ). Presentes em três sub-tipos:

37.1 - Formas de carena média ( $45 < I_{hc} \leq 55$ ), por vezes esbatida, colo exvertido ( $I_{a2} > 95$ ) e base em *omphalos*.

37.2 - Formas de carena média ( $45 < I_{hc} \leq 55$ ), por vezes esbatida, colo sub-cilíndrico ( $I_{a2} - I_{a1} \leq 5$ ) um pouco estrangulado ( $I_{a2} < 95$ ) e com base plana.

37.3 - Formas sem carena, de perfil ombreado, com o colo bem marcado e bastante fechado ( $I_{a1} = I_{a2} < 90$ ) e base em *omphalos* largo.

**Forma 38** - Definida a partir de exemplares de CSR-A [47], CSR-C.III [105], CSR-C.III [110] e Malcata, presente na Pedra Cavalcira, designámo-las *Taças de colo médio*. Volumes T-E(SE) com o segundo elemento simplificado em matriz para {T-HE}, formas de profundidade média ( $45 \leq I_p < 60$ ), colos médios, por vezes baixos ( $40 \leq I_h < 55$ ), bem marcados, tronco-cónicos abertos a sub-ci-

lindricos ( $Ia1 < 99$  e  $Ia2 > 95$ ). Surge em dois sub-tipos:

**38.1** - Que corresponde à forma base.

**38.2**- Um segundo provido de asa de fita arrancando do bordo, e que, graças a um exemplar virtualmente completo recolhido na Malcata, sabemos que tem base em *omphalos* (MALC [0] 5 - cf. SENNA-MARTINEZ, ROCHA & RAMOS, neste vol. Est.I).

**Forma 39** - Definida a partir de exemplares de BMSR-1 [1] e CSR-C.III [103], que designámos como *Taças de perfil em S e colo estrangulado*. Volumes T-E(SE) ou T-T-E(SE) com o último elemento simplificado em matriz para {T-HE}, formas de profundidade baixa ( $30 < Ip \leq 50$ ), ligeiramente fechadas ( $100 > Ia1 \geq 95$ ) e de colo baixo a muito baixo ( $20 < Ih \leq 30$ ). É possível que sejam divisíveis em dois sub-tipos, consoante a profundidade:

**39.1** - Baixas ( $30 < Ip \leq 40$ ).

**39.2** - Médias ( $40 < Ip \leq 50$ ).

**Forma 40** - Definida a partir de um exemplar quase completo de BMSR-20 [1] e presente na Malcata, designámo-los como *Pote de colo fechado*. Volumes T-T-HE(SE)-HE. Formas fundas ( $Ip > 75$ ), de base plana, fechadas ( $Ia1 < 85$ ), com o diâmetro máximo (D) situado na parte média da altura do recipiente ( $45 < Ie1 \leq 55$ ) e de colo muito baixo ( $Ih \leq 25$ ). Divisível em dois sub-tipos:

**40.1** - Com o colo bem marcado (existe uma linha de carena invertida na junção deste com a pança) e muito fechado ( $Ia1 < 70$ ), de forma tronco-cónica ou sub-cilíndrica.

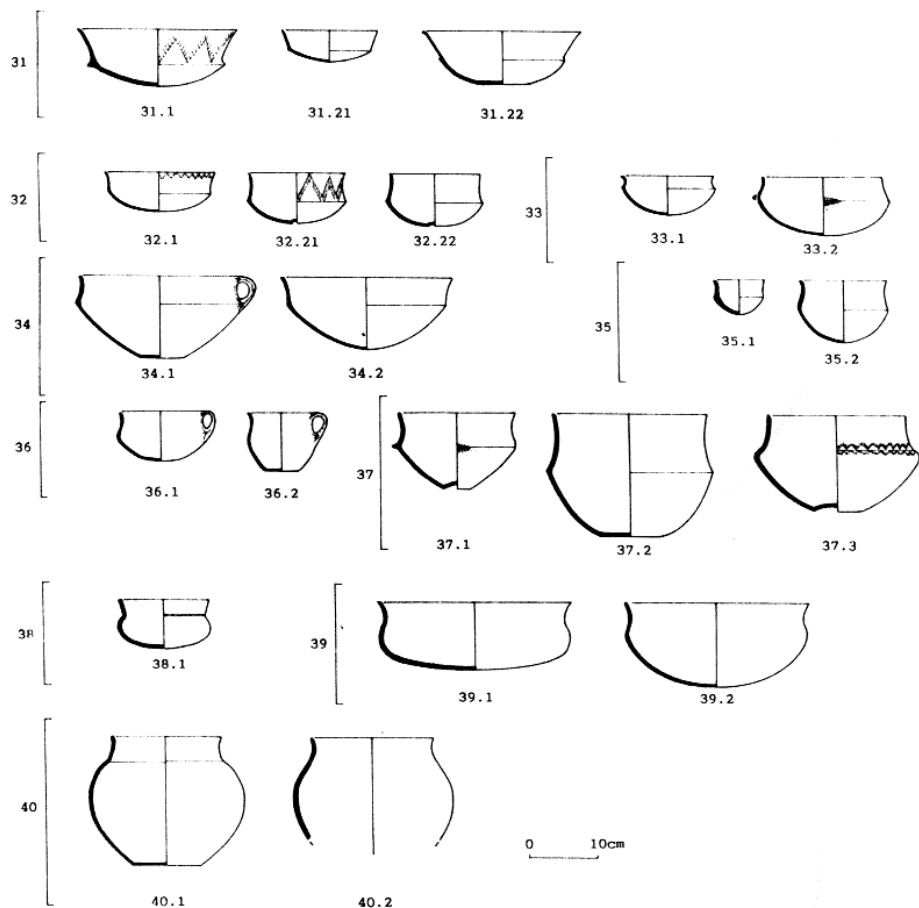
**40.2**- Colo suave e de "perfil em S", mais aberto que o anterior ( $70 < Ia1 < 85$ ).

**Forma 41** - Definida a partir de exemplares de CSR-A.W2 [57], CSR-B [19], Malcata e BMSR-20 [1], designámo-los *Potes muito altos de colo exvertido*. Volumes com a pança sub-ovoide, colo tronco-cónico ou ligeiramente côncavo e muito baixo ( $Ih \leq 25$ ), fechados ( $55 \leq Ia1 < 80$ ) e muito profundos ( $Ip \geq 120$ ), com D situado na metade superior do recipiente ( $Ie1 > 50$ ) e base plana. Presente em dois sub-tipos:

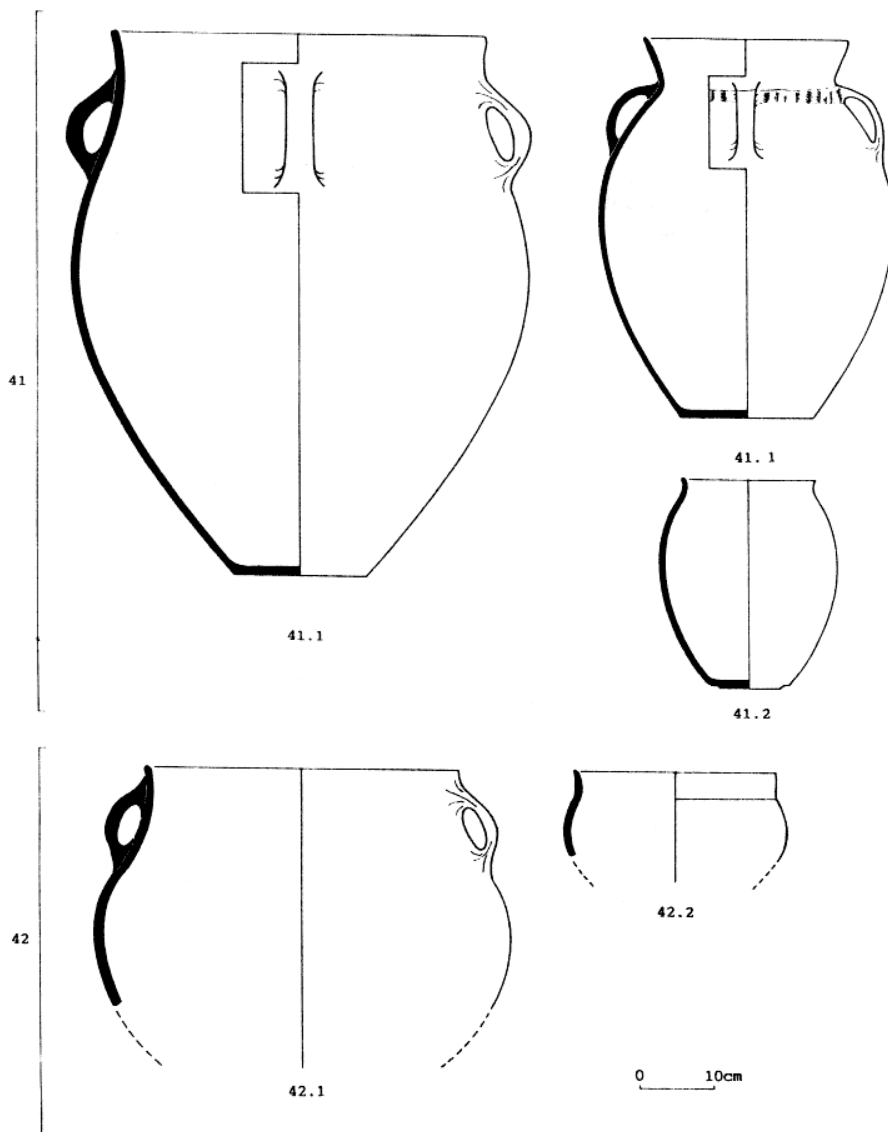
**41.1** - Com 4 asas sobre a junção colo/pança e de grandes dimensões ( $H > 50$ cm).

**41.2** - Sem asas e com duas variantes: **41.21**, com o colo bastante curto ( $Ih < 15$ ) e ligeiramente exvertido ( $Ia2 - Ia1 < 5$ ); **41.22**, com o colo maior ( $15 < Ih \leq 25$ ) e exvertido.

No que respeita ao sub-tipo 41.1, não é ainda claro se os dois únicos exemplares possibilitando reconstituição integral que possuímos (cf. Est.II) representam os dois extremos dum limite de variação do respectivo diâmetro do bocal, se representam duas variantes, uma destinada à armazenagem de sólidos e portanto de bocal mais largo ( $Ia2 = 78$ ) e tratamento de superfícies menos elaborado (espantado ou apenas alisado), outra destinada a líquidos, com o bocal mais estreito ( $Ia1 = 68$ ) e acabamento brunido.

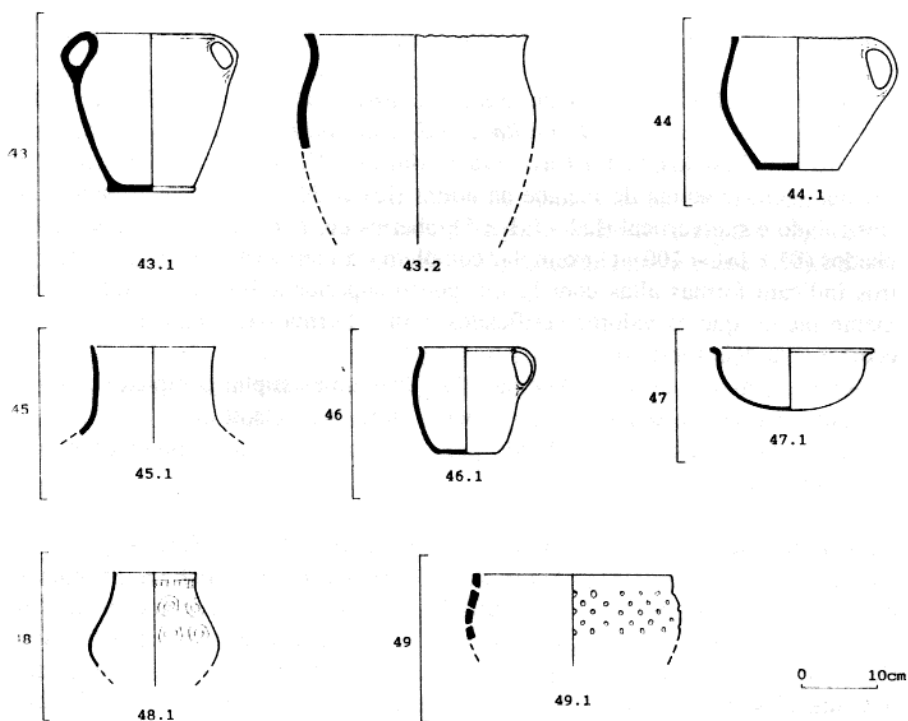


**Estampa I** - Formas e respectivos sub-tipos da olaria do Grupo Baiões/Santa Luzia: 31- Pratos; 32- Taças de carena média e colo médio/alto; 33- Taças de carena alta/muito alta e colo baixo; 34- Taças fundas de carena alta/muito alta; 35- Potes de carena média/alta e colo estrangulado; 36- Púcaros; 37- "Urnas"; 38 Taças de perfil em S e colo estrangulado; 40- Potes de colo fechado.



**Estampa II** - Formas e respectivos sub-tipos da olaria do Grupo Baiões/Santa Luzia: 41-  
-Potes muito altos de colo exvertido; 42- Potes altos de colo sub-vertical.





**Estampa III - Formas e respectivos sub-tipos da olaria do Grupo Baiões/Santa Luzia:**  
 43- Panelas muito altas de colo muito baixo; 44- panelas globulares de colo tronco-cônico fechado; 45- Potes de colo alto sub-cilíndrico; 46- Jarro; 47- Taça hemi-elipsoidal alongada; 48- Globular de colo muito alto; Cincho.

**Forma 42** - Definida a partir de exemplares de CSR-B [15] e de CSR-C.III [110], e presente no Outeiro dos Castelos e na Malcata, os quais designámos como *Potes altos de colo sub-vertical*. Conquanto não dispunhamos de nenhum exemplar completo, a curvatura das paredes do exemplar CSR-B [15] 7202, o mais completo que possuímos, permite verificar que possui uma forma marcadamente mais baixa que os exemplares estudados da Forma 41, com D abaixo de metade da altura ( $Ie1 < 50$ ). A título de hipótese, até que dispunhamos de exemplares completos, pensamos que esta Forma poderá apresentar um índice de profundidade entre 70 e 100, para  $Ia2 - Ia1 < 5$  e  $55 \leq Ia1 < 80$ . Pode, provavelmente, ocorrer em dois sub-tipos:

**42.1** - Com asas sobre o colo, podendo, contrariamente ao verificado para a Forma 41, arrancar do bordo.

**42.2** - Sem asas.

**Forma 43** - Definida a partir do único exemplar completo, de BMSR-20 [1] e que designámos como *Panela muito alta de colo muito baixo*, está presente no Outeiro dos Castelos, Pedra Cavaleira e Malcata. Volumes com a pança sub-ovoide, com D acima de metade da altura ( $Ie1 > 50$ ), e colo ligeiramente estrangulado e sub-vertical ( $Ia2 - Ia1 \leq 5$ ), abertos ou, por vezes, ligeiramente fechados ( $85 \leq Ia1 < 100$ ). O exemplar completo e a inclinação das paredes de outros indicam formas altas com  $I_p$  um pouco superior a 100, conquanto claramente menor que os valores verificados para a Forma 41, e base plana. Pode ocorrer com dois sub-tipos:

**43.1** - Com asas arrancando do bordo (duas no exemplar completo) e com este por vezes decorado com unguações ou traços incisos.

**43.2** - Sem asas e com o bordo por vezes decorado com unguações ou digitações.

**Forma 44** - Definida a partir do único exemplar completo, de CSR-A [12], designámo-lo como *Panela globular de colo tronco-cónico fechado*. Volumes globulares, de base plana (T-S(SS-SS)-T), D situado sobre o plano médio do recipiente ou ligeiramente acima ( $Ie1 \geq 50$ ) e colo pouco marcado e fechado ( $Ia2 = Ia1 < 90$ ), os dois exemplares conhecidos apontam (a título de hipótese) para um  $70 < I_p < 90$ , bem como para a presença de uma a duas asas de fita arrancando do bordo que pode ser decorado com unguações ou digitações.

**Forma 45** - Forma de que desconhecemos a totalidade é, contudo, caracterizada pela presença de um colo bastante desenvolvido e sub-cilíndrico, formalmente semelhante, até nas dimensões dos exemplares, ao "Tipo 8" definido por S.Oliveira Jorge para o sítio da Bouça do Frade (JORGE, 1988: 24 e figs.32, 35 e 43-1). Definimos a Forma a partir de exemplares de CSR-A.W2 [57] e de CSR-C.III [103], estando também presente no Outeiro dos Castelos.

**Forma 46** - Com um único exemplar identificado, proveniente de BMSR-20 [1], que designámos como *Jarro*, apresenta um volume sub-cilíndrico fundo ( $I_p = 106$ ), com D situado acima do plano médio ( $Ie1 = 58$ ), com um pequeno colo ( $I_h = 17$ ), ligeiramente estrangulado e fechado ( $Ia1 = 89$ ,  $Ia2 = 90$ ), donde

parte uma única asa de fita.

**Forma 47** - Também com um único exemplar conhecido, de CSR-C.III [103], é uma *Taça hemi-elipsoidal alongada* (Volume HE com os três eixos de dimensões diferentes) e com uma pega em aba horizontal partindo do bordo, num extremo do eixo maior (pode eventualmente ter tido uma segunda no outro extremo).

**Forma 48** - Com dois exemplares, ambos de BMSR-20 [1] e um deles incompleto, apresentam volumes com pança globular e um colo muito alongado (Ih talvez superior a 40), tronco-cônico muito fechado (Ia1 = 57). Ambos apresentam decoração incisa pós-cozedura. Exemplar semelhante, conquanto decorado com técnica e gramática diferentes, de pança de tendêcia quadrilobada e provida de asa, apenas conhecemos um vaso recolhido numa das fossas do sítio mesetinho de teso del Cuerno (MARTÍN BENITO, 1988: 137, Fig.16 e Lam.III), em ambiente cultural "Cogotas-I"<sup>3</sup>.

**Forma 49** - Trata-se de um vaso de forma globular, com as paredes multiperfuradas antes da cozedura, de que possuímos parte do bordo e alguns fragmentos de bojo isolados. Provém de CSR-C.III [103] e designámo-lo como "Cincho" ou "Coador".

Além das Formas específicas deste horizonte cultural, estão presentes nos conjuntos estudados exemplares atribuíveis a uma permanência (ou re-invenção, conquanto pensemos que a primeira hipótese é mais provável) de momentos crono-culturalmente antecedentes:

**Forma 1** - Corresponde aos *Pratos* do que designámos regionalmente como o "*fundo comum neo-calcolítico*". Volumes hemi-elipsoidais ou em segmento esférico (HE ou SS) ou ainda compostos com lábio direito ou invertido (C-HE ou T-HE), com  $10 < I_p \leq 20$ . Está presente em CSR-C.III [103], na Malcata e no Outeiro dos Castelos, através de exemplares do sub-tipo 1.4, *Prato em Calote*, de volume em segmento esférico.

**Forma 2** - Corresponde às *Taças* do que designámos regionalmente como o "*fundo comum neo-calcolítico*". Volumes idênticos ao da Forma 1 ( $50 > I_p > 24$ ). Está presente em CSR-C.III [103,105], CSR-A.W2 [57] e na Pedra Cavaleira, através de exemplares dos sub-tipos: **2.2** - *Taça funda com o lábio invertido*, com perfis sub-elipsoidais e  $40 < I_p < 50$ ; **2.4** - *Taça hemi-elipsoidal funda*, com  $Ia_2 = 100$  e  $39 < I_p < 50$ ; e **2.5** - *Taça em calote*. Volumes em segmento esférico, com  $Ia_2 = 100$  e  $25 < I_p < 50$ .

**Forma 4** - Corresponde às *Tigelas* do que designámos regionalmente como o "*fundo comum neo-calcolítico*". Volumes hemi-elipsoidais, paraboloides e sub-

<sup>3</sup> Veja-se a discussão completa das afinidades deste recipiente e respectiva decoração em SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol. a.

-esféricos, com  $70 > I_p > 51$ . Presente em CSR-C.III [103, 105] com um exemplar de cada um dos sub-tipos: **4.1** - Tigela hemi-elipsoidal, de Volume HE com  $Ia_2 = 100$ ; **4.2** - *Tigela paraboloide*, volumes P (simplificáveis em T-HE ou T-HS), de lábio por vezes ligeiramente exvertido e  $Ia_2 = 100$ .

**Forma 6** - Corresponde aos *Globulares* do que designámos regionalmente como o "fundo comum neo-calcolítico". Formas fechadas ( $Ia_2 < 90$ ) com colo ou gargalo presente, pelo menos de forma incipiente, com  $I_p > 70$ . Presente em CSR-C.III [103], através de um exemplar do sub-tipo: **6.3** - *Globular de colo tronco-cónico*.

**Forma 11** - Corresponde às *Tigelas fundas ou em forma de suco* do que designámos regionalmente como o "fundo comum neo-calcolítico". Formas abertas e fundas ( $I_p > 70$ ), de volume hemi-elipsoidal, presentes com um exemplar em CSR-C.III [103].

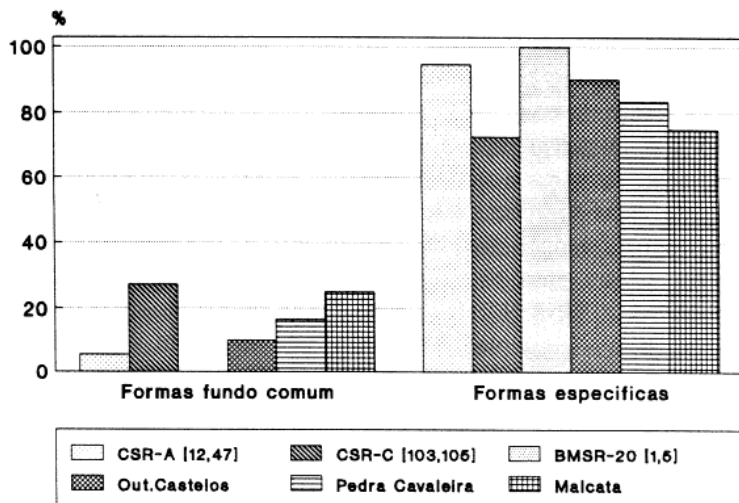
**Forma 22** - Regionalmente presentes no Bronze Pleno, as *Taças de carena média/alta*, de lábio exvertido, abertas ( $Ia_2 = 100$ ), baixas a muito baixas ( $I_p < 45$ ) e com  $45 < I_{hc} \leq 75$ , estão representadas na Malcata por um exemplar do sub-tipo **22.2**, com o lábio marcadamente exvertido.

**Forma 25** - Presentes regionalmente desde o Bronze Pleno, os *Potes carenados de colo tronco-cónico fechado*, formas fechadas ( $Ia_1 < 90$ ), de profundidade média ( $50 < I_p \leq 70$ ) e com carenas normalmente médias/altas ( $45 < I_{hc} \leq 75$ ), estão representados em CSR-A [12,47] por um exemplar do sub-tipo **25.1**, de carena alta e base convexa.

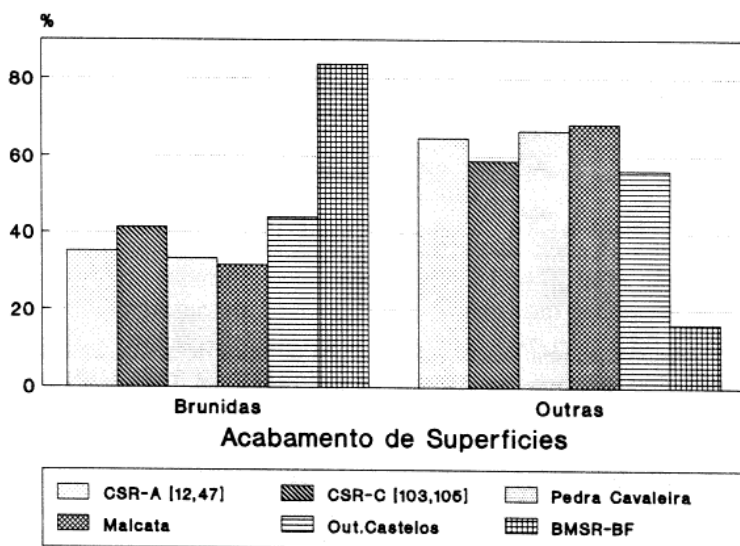
Não obstante significativa, a proporção do número de formas derivadas de momentos crono-culturalmente anteriores em relação às específicas do *Grupo Baiões/Santa Luzia* (Gráfico-1) apenas ultrapassa 20% das Formas identificadas nas amostras de CSR-C.III [103, 105] e da Malcata, sendo inexistentes em BMSR-20 [1,5]. Atendendo que as peças do que costumamos designar regionalmente (SENNA-MARTINEZ, 1989.) como "*fundo comum neo-calcolítico*" são particularmente simples (na maioria dos casos indicados e em relação às Formas específicas do Bronze Final) de reconstituir graficamente a partir de fragmentos com bordo, pensamos que a respectiva presença real nos conjuntos estudados será muito menos significativa do que estes números podem fazer crer.

Um dos primeiros problemas resultante desta distribuição, já referido atrás, consiste na constatação da baixa percentagem de recipientes individualizáveis que permite atribuição a uma forma.

Uma das possibilidades de contornar as dificuldades resultantes da grande fragmentação dos materiais, em particular nos casos de CSR-A e de CSR-C.III, passa pela análise das características técnicas de fabrico dos recipientes, em particular pela análise da pasta e do acabamento das superfícies, tentando a definição dos grandes grupos de fabricos, por Formas e em termos funcionais.



**Gráfico 1** - Frequências relativas das Formas específicas da olaria do Grupo Baiões/Santa Luzia comparadas com as frequências das Formas do fundo comum, para as seis amostras principais consideradas.



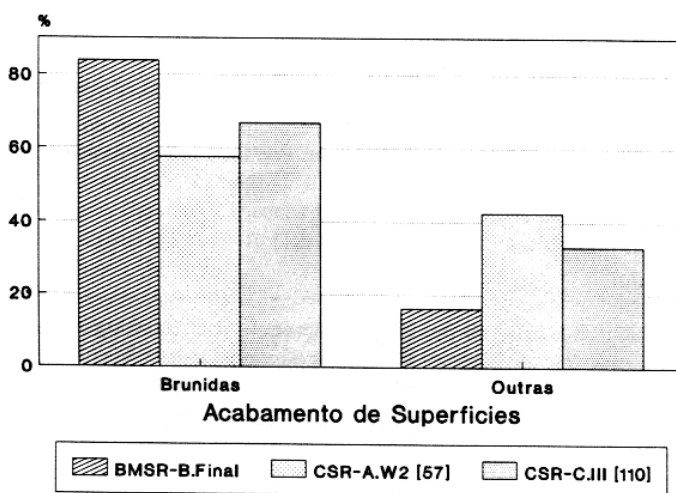
**Gráfico 2** - Frequências relativas dos dois grupos de tipos de acabamento das superfícies dos recipientes de olaria das seis amostras principais consideradas.

### 3. Os grandes grupos funcionais

As superfícies das peças analisadas revelam quatro tipos diferentes de acabamento: simples alisamento; espatulado; brunido; e "cepillo" ou "escovado".

Tendo em atenção os seis conjuntos principais estudados (Gráfico-2) é clara uma grande semelhança entre os conjuntos de CSR-A, CSR-C, Outeiro dos Castelos, Pedra Cavaleira e Malcata em que as superfícies não-brunidas dominam sobre aquelas, bem como a diferenciação, neste particular, do conjunto de BMSR. Como teremos ocasião de ver mais adiante, estas diferenças estendem-se a outros aspectos.

Também existem diferenças marcadas na repartição de frequências dos tipos de acabamento de superfícies, entre os conjuntos principais citados e os recolhidos na estrutura da "lareira" de CSR-A.W2 [57] e no fundo da "fossa-lareira" de CSR-C.III [110]. Estes dois últimos conjuntos, por outro lado, mostram afinidades com o de BMSR (Gráfico-3).



**Gráfico 3** - Frequências relativas dos dois grupos de tipos de acabamento das superfícies dos recipientes de olaria das amostras de BMSR-B.Final, CSR-A.W2 [47] e CSR-C.III [110].

A principal razão de ser das semelhanças e diferenças registadas, reside na inversão dos valores registados para as superfícies alisadas e brunidas. Nos conjuntos ligados aos dois "solos de habitat" estudados nos Sectores A e C.III de CSR, bem como nas amostras das recolhas dos três sítios apenas prospectados, predominam as primeiras enquanto nos restantes tal acontece com as segundas. Adiante discutiremos algumas hipóteses interpretativas para esta situação.

A etapa seguinte da análise foi estabelecer a correlação entre os tipos de acabamen-

to das superfícies e as Formas identificadas, no sentido de averiguar se existe alguma relação Forma/acabamento.

Verifica-se, deste modo, que as superfícies brunidas ocorrem em todos os exemplares estudados das Formas 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 45, 46 e 48, enquanto os acabamentos alisados e alisados com "cepillo" dominam as Formas 41, 42, 43 e 44, com, eventualmente, um ou outro caso de acabamento espatulado ou brunido nas Formas 41, 42 e 43. O "cepillo", até ao momento, é exclusivo da Forma 41. Na Forma 38 o acabamento brunido é dominante, com um único caso de simples alisado na amostra total estudada.

A presença de elementos não-plásticos (enp) concorre no sentido do agrupamento de Formas acima exposto. O elemento dominante é a mica, presente com valor médio/forte em 94% a 100% dos casos estudados nas amostras principais. Dos restantes elementos apenas o quartzo tem uma presença constante e significativa em todas as amostras, sendo os feldspatos apenas significativos nas amostras da Pedra Cavaleira e de BMSR (cf. **Quadro-II** e Gráfico-4).

**Quadro-II**

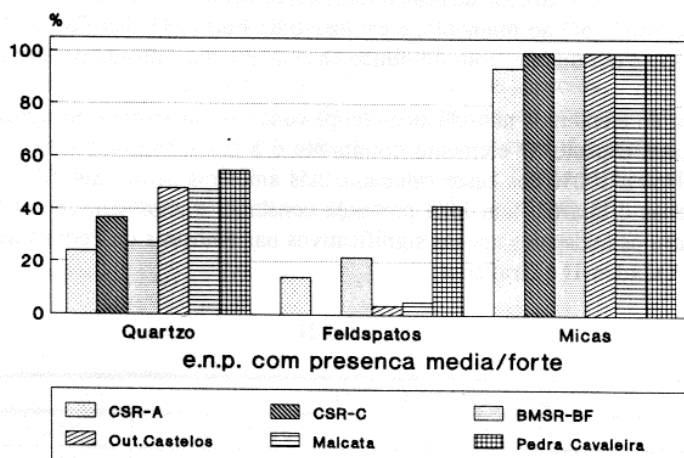
<b>B.Final - enp com presença média/forte</b>			
	<b>Quartzos</b>	<b>Feldspatos</b>	<b>Micas</b>
CSR-A [12,47]	12 (24.0%)	7 (14.0%)	47 (94.0%)
CSR-C.III [103,105]	14 (36.8%)	0	38 (100.0%)
BMSR-B.Final	10 (27.0%)	8 (21.6%)	36 (97.5%)
Out.Castelos	14 (48.3%)	1 (3.5%)	29 (100.0%)
Pedra Cavaleira	29 (54.7%)	22 (41.5%)	53 (100.0%)
Malcata	10 (47.6%)	1 (4.8)	21 (100.0%)

A presença constante das micas, com elementos predominantemente diminutos, bem calibrados e dispersos na pasta, aliada ao substrato granítico dominante na área estudada, conduz-nos a pensarmos poderem estas constituir elemento integrante das argilas utilizadas e não propriamente um elemento adicionado a estas como desengordurante.

As associações destes elementos em relação com os tipos de acabamento das superfícies são também significativas em relação aos agrupamentos de Formas atrás delimitados. Verificamos, por exemplo, que, para CSR-A [12,47], 96% dos recipientes com acabamento brunido apresentam concentrações de enp com presenças fracas, excepto, como vimos, para as micas. O valor registado em tal caso para CSR-C.III [103,105] é de 95.2%, enquanto para os materiais atribuíveis ao Bronze Final de BMSR é de 80.7%, com valores do mesmo modo extremamente semelhantes constatados para as três amostras provenientes de prospecção.

Tal corresponde, nos casos estudados, a que a quase totalidade das Formas do que designaremos como *Grupo 1* apresentam acabamento brunido (Formas 31 a 37 e 39 a 100% e 38 com uma excepção) e pastas de consistência predominantemente compacta e textura homogénea (sempre em mais de 90% dos casos), com enp de pequeno calibre (diâmetro inferior a 1mm) e com presença média a fraca, excepto para as micas em que é maioritariamente forte, embora com elementos diminutos, bem calibrados e dispersos na pasta. A amostra de BMSR-20 apresenta uma situação excepcional para a Forma 34

cujos 4 exemplares apresentam pastas com maiores concentrações de enp e, sobretudo, quartzo em elementos grosseiros (dois casos da Classe 1 e um caso de cada uma das Classes 2 e 3).



**Gráfico 4** - Frequências relativas das presenças médias e fortes dos três principais elementos não-plásticos da olaria das seis amostras principais consideradas.

O conjunto de Formas que designamos como *Grupo 1* (Formas 31 a 39 e 46) engloba a maioria da olaria que, como mostramos acima, poderá ser chamada fina quer pela pasta (a espessura das paredes raramente excede os 7mm, para um valor médio de 5mm), quer pelos cuidados de fabrico e acabamento.

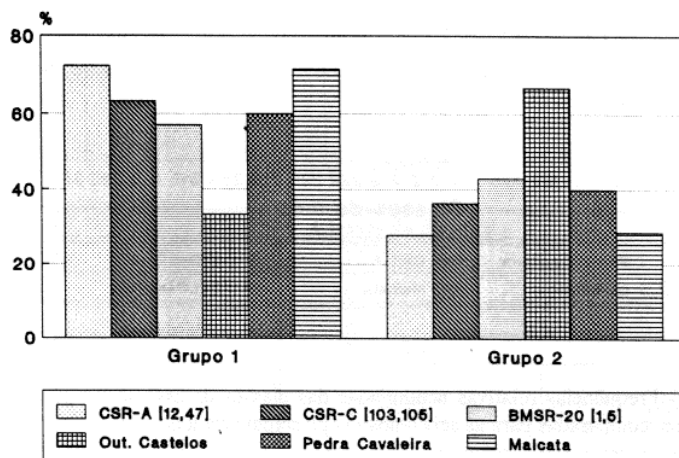
Quanto ao conjunto de Formas que designaremos como *Grupo 2* (Formas 40 a 45 e 48) distribuem-se em dois conjuntos: o primeiro, Formas 40, 45 e 48, apresenta pastas e acabamentos semelhantes à maioria das verificadas para o *Grupo 1*; no segundo, Formas 41 a 44, predominam as superfícies alisadas - com os únicos casos registados, na amostra total aqui estudada, de "cepillo" - totalizando 69.2%, com apenas dois casos na Forma 41 e um na Forma 42 (23.1%), de superfícies espatuladas, casos que pensamos correspondam a recipientes destinados a conter líquidos, bem como o único caso de superfícies brunidas registado (7.7%) neste conjunto (Forma 43).

É no *Grupo 2* que se registam as maiores presenças de enp grosseiros, na sua quase totalidade constituídos por quartzo: 4 casos na Forma 41 (57.1%), 4 casos na Forma 42 (66.7%), 3 na Forma 43 (50%), 2 na Forma 44 (100%) e 2 na Forma 45 (50%). Tal representa 42.9% dos exemplares identificados para a totalidade das Formas deste Grupo.

Pensamos que estes dois Grupos de Formas representam conjuntos funcionais distintos: o Grupo 1 agrupa o que designaríamos como "olaria fina" com Formas destinadas à apresentação e/ou consumo de produtos (alimentos, bebidas, eventualmente ou-



tro) o Grupo 2 contém as formas que pensamos servirem principalmente para armazenagem de produtos e/ou cozinha. A propósito, convém notar que, nas amostras analisadas, apenas são visíveis marcas de fogo ou fuligem em exemplares das Formas 43 e 44, daí a nossa designação de "panelas".



**Gráfico 5** - Frequências relativas dos dois *Grupos* de Formas específicas da olaria do *Grupo Baiões/Santa Luzia*, comparadas para as seis amostras principais consideradas.

Se a contagem de Formas identificáveis (Gráfico-5) parece privilegiar, em todas as seis amostras principais com a exceção do Outeiro dos Castelos, o conjunto integrado no Grupo 1, tal decorre apenas da dificuldade de atribuição segura de Forma, a partir de fragmentos, às peças de maiores dimensões das Formas do Grupo 2. A análise do Gráfico-2, mostrando a predominância das superfícies não-brunidas concorre no sentido de pensarmos que, pelo contrário, este segundo grupo de Formas deverá ser predominante nos conjuntos funcionais estudados.

O Gráfico-6 resume as frequências acumuladas das associações de enp demonstrando que configuram padrões semelhantes nos casos das duas amostras principais de CSR-A e CSR-C bem como de BMSR. As linhas correspondentes ao Outeiro dos Castelos e à Pedra Cavaleira são virtualmente idênticas e a da Malcata é intermédia entre estas e as três anteriores. Situação semelhante decorre da análise das classes de diâmetro dos grãos de quartzo que constituem, quase exclusivamente, os enp grosseiros detectados nas seis amostras principais aqui referidas (Gráfico-7). Esperamos que o estudo sistemático dos barreiros da nossa área de trabalho, a iniciar em breve, possa vir a confirmar estes elementos no que parecem sugerir sobre a eventual utilização de barreiros diferentes pelos oleiros (oleiras?) de S.Romão e dos sítios em torno a Beijós, respectivamente.